

## Negros, mulatos e a poesia do Brasil aos olhos e ouvidos de um escritor espanhol<sup>1</sup>

Ivana Stolze Lima

Partindo de uma pesquisa sobre a relação de africanos e descendentes com a história social da língua nacional, explorarei os registros sobre “negros”, “escravos” e “escritores” mulatos no ensaio *De la poesia del Brasil*, do literato espanhol Juan Valera (1824-1905). Publicado na *Revista Española de Ambos Mundos*, em 1855, meses depois o texto foi parcialmente traduzido pela *Guanabara, Revista Mensal Artística, Científica e Literária*. Examinarei também a correspondência particular escrita por Valera no período em que viveu no Rio de Janeiro. Como num palimpsesto, diferentes marcas se sobrepõem nesses registros, e é para essas superposições e deslocamentos que a análise empreendida pretende chamar atenção, em dois níveis metodológicos: 1) o conteúdo do texto, que, ao evidenciar tensões e complexidades culturais, revela a importância da experiência perceptiva de Juan Valera no Rio de Janeiro para a sua percepção sobre a poesia brasileira; 2) as marcas de edição, como notas de rodapé, erros gráficos e desníveis da tradução, que são pistas que a história pode explorar, sobretudo quando se dedica às formas de comunicação, conflito e interação social entre os diferentes grupos que marcaram o Império do Brasil.

Às vezes o que parece irrelevante, secundário ou simples descuido em um documento pode se tornar um caminho metodológico para o historiador. Em manuscritos ou impressos, falhas, palavras grafadas em desacordo com o que seria esperado, repetições, insistências, notas de rodapé, anotações marginais podem ser tão significativas para a análise quanto o conteúdo manifesto de um discurso. A discussão pretende explorar um “erro” gráfico na tradução publicada na revista *Guanabara*, que imprimiu “língua buda” ao invés de “língua bunda” (forma então comum de se referir ao quimbundo), e uma nota de rodapé acrescentada pelos editores brasileiros com o intuito de atenuar a afirmação de que

<sup>1</sup> Este trabalho contou com recursos da Faperj (Edital Humanidades 2008).

palavras dos “dialetos africanos” estariam sendo incorporadas no falar corrente do país. Como se tratava de uma tradução, julguei que seria interessante consultar o original em espanhol, tanto para “verificar” a grafia da referida palavra como para explorar algumas afirmações interessantes sobre senhores e escravos, escritores mulatos e nacionalidade brasileira, feitas pelo escritor espanhol. A pesquisa acabou levando a cartas, anteriores ao artigo de 1855, que em outro gênero seriam também um registro de seus conceitos e impressões sobre o tema. Antes de entrar nessa discussão, passemos a uma visão mais geral sobre o autor e seu ensaio, partindo do original em espanhol.

Juan Valera nasceu na Andaluzia em 1824 e ao iniciar sua carreira diplomática já se dedicava às letras. Viveu no Rio de Janeiro entre 1851 e 1853, num momento em que suas atividades como escritor estavam começando a tomar forma, tendo já demonstrado grande interesse pelas atividades literárias então em curso. De volta à Europa, em 1855 publicou o artigo “De la Poesia del Brasil”, na *Revista Española de Ambos Mundos*, por meio do qual levava ao público espanhol notícias sobre a poesia brasileira. O autor revelava intimidade com as linhas mestras da construção da nacionalidade literária brasileira, como a ênfase na paisagem e a temática indianista, evidenciada tanto pelas observações que faz acerca da poesia quanto pelas referências explícitas a autores como Ferdinand Denis, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto, Pereira da Silva e a antologias como o *Florilégio da poesia brasileira*, que havia sido compilada por Varnhagen.<sup>2</sup> Mas, se por um lado vemos claros ecos das questões levantadas em 1836 por Gonçalves de Magalhães – “Pode o Brasil inspirar a imaginação dos Poetas? E os seus indígenas cultivaram a Poesia?”<sup>3</sup> –, por outro lado observamos que Valera tinha um olhar diferenciado para o fenômeno, incorporando um grande leque de experiências que teve no Rio de Janeiro, notadamente a escravidão.

Valera abre o texto sugerindo que a posição do leitor seja a de um viajante que, como ele, a bordo de um navio a vapor, chegaria pela primeira vez à América, avistando “las costas hermosísimas del Brasil”, e que já começaria a imaginar

<sup>2</sup> Sobre as antologias, ver: SENNA, Janaína Guimarães de. *Flores de antanho: as antologias oitocentistas e a construção do passado literário*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2006.

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura no Brasil. *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, Paris, p. 133, 1836.

como seria “la mejor manera de vivir con los selvages y de ser otros Caramurús, y de tener por esposas unas paraguasús hermosísimas, y ya hacian proposito firme de no comer carne humana”. Mas ficaria desapontado ao desembarcar e não se deparar com ao menos um “par de selvagens”, como era de se esperar pelas imagens literárias que havia formado sobre a terra pelo contato com a literatura indianista.<sup>4</sup>

Valera desembarcava na Corte com o cargo de secretário da legação espanhola. Nos dois anos de sua estada, lamenta não ter conhecido mais que os arredores da cidade, e não “as magnificencias que atesora el Brasil en su centro”. O Rio é descrito por ele como “agradabilíssima morada”, sede de um “imperio naciente, que se levanta y florece, bajo el cetro de un sábio emperador, y á la sombra de un gobierno libre y bien ordenado”. Mesmo dizendo que o país estaria fora da onda emigratória europeia, com dificuldade de atrair colonos, e vendo diminuir tanto sua população escrava como a população de “tribus de indios selvages [que] vagan aun por las soledades”,<sup>5</sup> o autor traça uma imagem elogiosa do governo representativo, mais “solidamente plantado que em cualquier otro pais, se se exceptua la Inglaterra” e também a “*boa administração, o comércio e a riqueza pública*”,<sup>6</sup> ainda que seu povo estivesse mais inclinado para a poesia que para o comércio. Vejamos:

El pueblo brasileño maravillosamente dispuesto á admirar todo lo bello y lo sublime; alegre, festivo y apasionado; amigo de los placeres del espíritu; sensible á la hermosura de aquella rica naturaleza que le rodea, y recibiendo de ella inspiraciones, es un pueblo artista y muy singularmente enamorado de la música y de la poesia, artes en que vence y sobrepuja á todos los otros pueblos americanos.<sup>7</sup>

<sup>4</sup> VALERA, Juan. De la poesia del Brasil. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid: Establecimiento Tipografico de Mellado, tomo III, p. 176, 1855.

<sup>5</sup> *Ibid*, p. 181.

<sup>6</sup> *Ibid*, p. 182.

<sup>7</sup> *Ibid*, p. 182. Todas as citações em espanhol estão conforme o original consultado.

A essa altura, com uma visão tão elogiosa do país, fica clara a motivação dos editores brasileiros em publicarem o artigo na *Guanabara*.<sup>8</sup>

Se os viajantes tinham uma percepção especial sobre o Brasil, em parte livre dos preconceitos e tabus senhoriais locais, vinham também imbuídos de seu imaginário particular, construído pela própria literatura de viagem. Um ponto claro em que a percepção de Valera destoa das imagens nacionais contemporâneas aparece quando ele aponta para “todas as raças” que compõem o povo brasileiro, vendo provas de uma predisposição para a poesia e a música em grupos tão distanciados como os letrados da boa sociedade e os escravos: “Los negros siguen hoy la propia costumbre de cantar constantemente durante el trabajo; y ellos mismos componen los versos rudos y la música monótona que cantan”. E continua: “Por las calles de Rio-Janeiro no se oyen de continuo sino músicas”. Pelas *modinhas* y *londuns* [sic], as damas que estariam sempre cantando, e ainda os compositores, todos poderiam alcançar glória internacional.

La afición a la poesía no es menos grande entre los brasileños. No hay mucho que á los quince anos no escriba ya sonetos y letrillas; y no hay nacimiento, ni casamiento, ni defuncion, que no se celebre con media docena de epitalamios, horóscopos, epitalios y nenias, en diferente clase de metros, y por los

<sup>8</sup> No dia 2 de dezembro de 1849, Gonçalves Dias, Araújo Porto-Alegre e Joaquim Manoel de Macedo compareceram diante do Imperador D. Pedro II, cumprimentando-o pelo seu aniversário, com um exemplar do primeiro número da *Guanabara, revista mensal artística, científica e literária*, que haviam acabado de editar. Revistas literárias, acadêmicas e científicas foram órgãos importantes do romantismo brasileiro. Traduzindo a ausência de especialização nas diferentes áreas, englobadas em uma ideia ampliada do que se entendia por literatura, artigos sobre química, botânica, história ou poesia, além de notícias bibliográficas, compartilhavam os mesmos volumes, e a publicação constituía-se como um lugar de debates. Tratava-se de consolidar uma sociabilidade intelectual, de fortalecer e estimular a atividade de conhecimento. A revista foi publicada até 1856, tendo ocorrido uma interrupção em 1850 e uma mudança na direção quando foi retomada em junho de 1851, passando a incorporar como um dos editores o cônimo Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, tendo Gonçalves Dias deixado a revista. Era impressa na tipografia Dois de Dezembro, de Paula Brito, que orgulhosamente lembrava ser o “Impressor da Casa Imperial”. O período de existência da publicação foi verificado consultando-se o acervo da biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa, diferentemente do que havia sido constatado na Biblioteca Nacional e em algumas obras de referência, como a de J. Aderaldo Castello (*Literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 1999. vol. I, p. 184), onde consta o ano de 1855 como o ano final.

mas variados estilos. Estas composiciones de circunstancias se publican en los periódicos, como entre nosotros los anuncios, pagando cierta cantidad por publicarlas; y periódicos hay que ganan mucho con tal industria, y que dan á luz cada semana las suficientes coplas para formar um grueso volumen.<sup>9</sup>

Além do interessante desejo de ter os poemas em suporte impresso, Juan Valera comenta a prática de moças possuírem álbuns, onde simpatizantes deitariam versos de admiração. De qualidade duvidosa, é certo, mas ingênuos e cândidos, além de em alguns deles se notar “el castizo y puro del lenguaje que los brasilenos pretendem conservar mejor que los portugueses”. Valera dedicara-se ao estudo da língua portuguesa, e serviu em Portugal antes e depois do período no Rio. Aliás, os temas filológicos estavam entre as suas preocupações. Quando pensamos na rica polêmica que envolveu escritores brasileiros e portugueses sobre a língua literária,<sup>10</sup> em que os primeiros irão reivindicar seu direito à autonomia da expressão, tendo sido ridicularizados por alguns escritores portugueses, embora outros os tenham apoiado, vemos que Valera traz um matiz novo, de que brasileiros, esses sim, seriam herdeiros do vernáculo, por estarem mais dispostos a evitar galicismos nos seus periódicos, livros e discursos parlamentares. Mais interessante ainda é certa lucidez na formulação que o espanhol deu ao problema:

Mas no por eso los brasilenos han dejado de enriquecer la lengua que llaman nacional, por no llamarla portuguesa, y que ya era riquissima, con infinito número de palabras nuevas, tomadas de los dialectos americanos, y aunque no me atrevo á afirmar que hayan añadido tambien palabras de las lenguas de la costa de Africa, acaso de la lengua buuda y de la lengua del Congo, que son las mas perfectas que hablan los negros, todavia se puede sospechar que algunas palabras habran tomado de ellas.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> VALERA, Juan. De la poesia del Brasil, p. 183.

<sup>10</sup> SÜSSEKIND, Flora. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994; LIMA, Ivana Stolze. Língua nacional, histórias de um velho surrão. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 215-45.

<sup>11</sup> VALERA, Juan. De la poesia del Brasil, p. 183-184.

Quando consideramos o antiafricanismo característico daquele contexto intelectual, é notável a inclusão dos negros escravos ao tratar do engenho poético e da riqueza de linguagem que vê nos brasileiros. Além disso, ele cria uma continuidade entre os escravos e os escritores negros e mulatos. Essa visão, por um lado, não deixa de mostrar certo olhar exterior generalizante e preconceituoso. Como o olhar do mercenário de origem germânica, Carl Seidler, que no Rio, no início do Período Regencial, desprezava os acontecimentos políticos como mera manifestação de “mulatos”, adjetivo que caberia para todos os brasileiros: “Todo mulato esfarrapado imaginava que era príncipe, porque a seu ver o nobilitava o ‘eu sou brasileiro verdadeiro’ que pronunciava com orgulho”.<sup>12</sup> No caso de Valera há um desdobramento interessante, pois ele levanta o problema da possibilidade de futura inclusão dos escravos na nacionalidade, e comenta sobre a diferença de raças. O parágrafo é grande, mas o efeito virá melhor da visão de conjunto:

Pero donde verdaderamente se admiran, no solo el primor y riqueza del language, sino la fecundidad y agudeza del ingenio de los brasileños, es en la poesia. Ya he dicho que los negros, aunque rudos é ignorantes, componen coplas y las componen en mal portugués, porque olvidan pronto los seudos dialectos que suelen hablar en la costa de Africa. Y como los negros son esclavos la mayor parte, no aprenden á leer ni escribir, y solo oralmente pueden conservar los frutos de su imaginacion; por donde es dificil que haya en el Brasil una gran literatura negra, como ya la hay en Haiti, segun las curiosas noticias que nos ha dado la Revista francesa de ambos mundos; y como la habrá, Dios mediante, si ya no la hay, en la naciente república de Liberia. Pero no hay duda en que, si no los negros, los mulatos son muy notables poetas en el Brasil, y en que los mejores poetas del Brasil son mulatos. Lo que prueba á mi ver que la raza negra es tan buena como la nuestra, salvo la diferencia de color y de civilizacion.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. 1 ed. alemã 1835. p. 322.

<sup>13</sup> VALERA, Juan. De la poesia del Brasil, p. 183-184. A publicação referida é a *Revue de deux mondes*, que não só circulava entre os letrados brasileiros como era também um fórum de debates sobre a nacionalidade e a literatura.

Valera distingue assim “negros” de “mulatos”. Os negros, logo aprendendo um português ruim, iletrados, dariam asas a sua imaginação poética por meio de coplas. Já os mulatos seriam poetas. Tanto quanto comparar Brasil, Haiti e Libéria, algo também bastante inesperado naquele contexto intelectual, foi o simples questionamento sobre a existência de uma *grande literatura negra* no país. Além de muito provavelmente, a essa altura, a expressão nunca ter sido ouvida ou pronunciada no mundo das letras brasileiro, o mais decisivo fator para essa inexistência não deve ter sido o fato de que escravos não aprenderiam a ler e escrever. Estava em jogo, de forma muito mais candente, a própria auto-identificação dos letrados brasileiros.

Para melhor entender o problema, é importante considerar a perspectiva das representações e relações raciais da sociedade escravista, ao menos na primeira metade do século XIX. A distância que Valera registra em termos de “negros” e “mulatos” não era uma distinção de cor da pele, mas muito mais a distinção social básica que se operava entre livres e escravos, incluindo as diferentes gradações que havia no interior do mundo dos livres. Em outras palavras, a tendência seria apontar escravos como negros, e livres como mulatos ou, a depender da situação e posição social, não mencionar sua cor. Quando consideramos representações raciais formuladas por volta da década de 1830, no bojo da movimentação política característica do Período Regencial, a discussão sobre a cor dos cidadãos podia ter como motivação a defesa dos princípios constitucionais, que não operavam distinções legais entre brancos e negros. Haveria consequências importantes dessa defesa liberal, pois se tratava de homens de cor buscando afirmar sua posição de cidadania, através de reivindicações concretas como busca de empregos públicos, a participação na Guarda Nacional e na composição do Júri, enfatizando seus “talentos e virtudes” e apontando a cor da pele como um “acidente” que não seria capaz de justificar sua exclusão.<sup>14</sup> No entanto, os rumos da organização do Estado, marcados pela crescente direção saquarema,<sup>15</sup> acabou por abafar a discussão, ao mesmo tempo em que restringia o círculo dos que efetivamente participariam da política. Como exemplo dessa dificuldade em

<sup>14</sup> LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos de mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003; MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

<sup>15</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema: a formação do Estado imperial*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

abordar a questão da cor, pensemos na conturbada sessão da Câmara, em 1843, em que Antonio Rebouças foi atacado de todos os lados ao defender a maior participação da população mulata no poder executivo.<sup>16</sup> Por isso vale a pena explorar os raros momentos em que tais questões vieram à tona.

Voltando à discussão levantada por Valera, percebemos que a inexistência de uma “literatura negra” residiria muito mais no fato de que os escritores e letrados, negros, mulatos, cafuzos, mestiços e demais formas de designar os não brancos, raro se apresentavam nessa condição, ainda que alguns deles fossem descendentes mais ou menos próximos de escravos ou ex-escravos, em alguns casos de africanos, embora também descendentes sanguíneos ou afins de indivíduos da classe senhorial e das classes medianamente abastadas. Além disso, o fato de que escritores e demais participantes do mundo letrado compartilhavam um conjunto de valores e códigos, inclusive os códigos linguístico e literário, gerou uma relativa possibilidade de ascensão social, e mais ainda, uma memória comum.

Como afirmado acima, o ensaio de Juan Valera é uma espécie de antologia comentada, com trechos de obras poéticas como os poemas coloniais *O Uruguai*, de Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Uma vez aberta essa “senda da verdadeira poesia nacional”, após a independência o Brasil teria conhecido grande abundância de poetas, pois quase todo político, presidente de província, senador, médico, catedrático faria sua parte do culto às musas. Mas Valera destaca dois nomes, o de Gonçalves Dias, o “Zorrilla del Brasil”, citando obras como *Y-Juca-Pirama* e *Marabá*, e de Araújo Porto-Alegre, citando seu poema *Colombo*. Não deixa de ser importante comentar como o espanhol dá uma boa conta da produção indianista anterior e presente no Brasil, mas termina por introduzir o inesperado: a relação entre poesia brasileira e escravidão. Ou ainda, leitor prévio da literatura indianista, não viu um “selvagem” no Rio, mas encarou os africanos e seus descendentes.

Ao explorar a extensão da produção indianista, David Treece tem um *insight* muito interessante sobre esse aparente paradoxo, e considera que algumas obras indianistas estavam sim a tematizar a situação dos negros e mestiços, como

<sup>16</sup> GRINBERG, Keila; MATTOS, Hebe. O desaparecimento de Antonio Pereira Rebouças: memória, escravidão e liberalismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999.



Teixeira e Souza que, em obra de 1844, ecoa o vocabulário liberal da década anterior:

Não vi mais que a injustiça em toda parte  
A cor do homem, acidente mero,  
(Falo pois dos caboclos destas terras)  
Foi à perseguição pretexto infame!  
Teve-se em menor conta os seus serviços,  
E olhou-se com desprezo os seus talentos,  
Seus feitos, seu valor, suas virtudes!  
E a baça cor da pele era barreira  
Aos empregos, e prêmios merecidos!<sup>17</sup>

Acho que valeria mesmo a pena que novas pesquisas revisitassem de forma mais sistemática a produção indianista dos escritores negros e mestiços e a tematização literária das questões e conflitos raciais daquela sociedade.

Tratemos agora da tradução brasileira do ensaio. O texto original foi reduzido, mas o estímulo à construção da literatura brasileira, os comentários sobre escritores e obras, o envolvimento com a nacionalidade da língua são temas que não poderiam ser deixados de lado, dada a consonância com o projeto da *Guanabara*. A grande diferença em relação ao original espanhol é a supressão de uma parte inicial, de cerca de oito páginas. E o interessante foi como a edição brasileira encontrou meios de discutir com o autor, através das notas de rodapé, das escolhas na tradução e quem sabe mesmo de erros tipográficos. Como já foi dito, na tradução língua bunda virou “língua buda”.<sup>18</sup>

No Brasil, a palavra “bunda” já tinha o sentido atual corrente, e fora lexicografada pela obra de Rubim, o *Vocabulário brasileiro para servir de complemento*

<sup>17</sup> Os três dias de um noivado. Canto IV, 54. Citado por David Treece, *Victims, Allies, Rebels: Towards a new history of Nineteenth-century Indianism in Brazil*. Portuguese Studies, vol. 1, 1985-1986.

<sup>18</sup> Na edição espanhola, a palavra está grafada *buuda*, com um segundo *u* no lugar da letra *n*. Curiosamente, em outros trechos da mesma edição há uma confusão entre *u* e *n* (Varhuagen por Vanhagen, Castelnan por Castelnau) talvez devido a uma característica da cursiva que confundiu os tipógrafos, por se tratar de nomes desconhecidos ou palavras em português.

aos dicionários da *língua portuguesa*, em 1853: “Bunda: nádegas, traseiro”.<sup>19</sup> Aliás, essa obra também foi publicada na tipografia de Paula Brito e devia ser acessível aos editores envolvidos. A expressão “língua bunda” vinha do aportuguesamento da palavra *mbundo*, ou *ambundo*, como eram chamados os povos da região de Luanda. Em 1804 e 1805, o missionário Cannecatim publicou o dicionário e a gramática da “língua do reino dos Abundos”.<sup>20</sup> É importante salientar que o quimbundo é considerada a língua africana de maior presença na história linguística brasileira, falada inclusive por africanos de outras origens, como língua geral, em regiões e épocas de grande concentração de escravos. A primeira gramática dessa língua foi escrita em Salvador, no final do século XVII.<sup>21</sup> A expressão língua bunda foi também usada como “o português defeituoso ou incorreto dos que falam ou escrevem mal”.<sup>22</sup> Uma vez que a palavra bunda, no sentido atual, já era corrente, aconteceu um simples deslize de algum dos envolvidos no processo de publicação, ou uma vontade inconsciente de atenuar uma palavra de baixo calão? Não era raro que em edições impressas de poemas populares, reticências substituíssem certos termos obscenos, ou palavras fossem suprimidas.<sup>23</sup>

<sup>19</sup> RUBIM, Brás da Costa. *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tipografia Dois de Dezembro, 1853, p. 12. Um dicionário português de período relativamente próximo apresenta tanto a denominação da língua como a da parte do corpo: “BUNDA, s. f. (termo de Angola) nádegas volumosas. Língua –, adj. f. linguagem dos pretos de Angola” (LACERDA, J. M. *Dicionário enciclopédico ou novo dicionário da língua portuguesa: para uso dos portugueses e brasileiros*. 4. ed. Lisboa: Escritório de Francisco Arthur da Silva, 1874). Mas um outro dicionário, apesar de se apresentar como representando também o uso brasileiro, refere apenas o sentido de língua para a palavra, omitindo o possível sentido vulgar: “BÚNDA adj. f. Língua –, dos pretos de Angola.” (CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Dicionário prosódico de Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro: Lopes do Couto & Filhos; Lisboa: Pacheco e Barbosa, 1878).

<sup>20</sup> CANNECATIM, Bernardo Maria. *Coleção de observações gramaticais sobre a língua bunda ou angolense*. Lisboa: Imprensa Régia, 1805. p. 5; CANNECATIM, Bernardo Maria de. *Dicionário da língua bunda ou angolense, explicada na portuguesa e latina*. Lisboa: Imprensa Régia, 1804.

<sup>21</sup> DIAS, Pedro. *Arte da língua de Angola*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006. Ed. fac-similar. Original de 1697.

<sup>22</sup> “Que algumas dessas línguas fossem mais particularmente conhecidas da população brasileira, prova a função de qualificação pejorativa com que serve para designar o português defeituoso ou incorreto dos que falam ou escrevem mal. Português cassange, português bunda, é talvez tão frequente como português nagô”. RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977. p. 152.

<sup>23</sup> A exemplo da palavra *cu* em versos populares, às vezes substituída nas versões impressas por reticências. SÜSSEKIND, Flora; VALENÇA, Raquel. *O sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1983.

Na edição brasileira, a frase truncou um sentido importante do texto de Valera. Ele se referia a duas línguas – a língua “bunda”, hoje conhecida como quimbundo, e a língua da costa do Congo, quicongo. No texto brasileiro elas viraram uma só: “a língua buda da costa do Congo, que é uma das mais perfeitas que falam os negros”.<sup>24</sup>

A acesa polêmica sobre a língua literária brasileira no Romantismo, como se sabe, teve pesos muito diferenciados no que toca à valorização das influências indígenas e africanas. No fundo houve uma contínua negação, ou denegação, de que os africanos teriam algum tipo de presença na nacionalidade linguística do país, apesar de alguns autores isolados terem atentado para essa presença.<sup>25</sup> A nota de rodapé, para a qual buscamos chamar atenção, é, portanto, significativa da distância que os letrados brasileiros quiseram construir em relação ao escritor espanhol, afirmando: “Parece-nos sumamente injusto o que diz o ilustre viajante; porque se algumas palavras dos dialetos africanos se acham introduzidas entre nós, não são elas jamais empregadas por pessoas instruídas e bem educadas”.<sup>26</sup> Além dessa, a versão brasileira traz várias outras notas de rodapé, retificando Valera, ou até fazendo piadas. O comentário já citado de que todo brasileiro que sabia ler e escrever era um poeta, mereceu da *Guanabara* a seguinte nota: “E troppo caricato, signore mio”.<sup>27</sup>

Mas foram mantidos alguns outros comentários que também iam na contracorrente dos lugares-comuns. Como o parágrafo em que Valera detona as línguas indígenas, falando certamente do tupi, tão acalentado pelos poetas indianistas

<sup>24</sup> VALERA, Juan. A poesia brasileira. *Guanabara. Revista Mensal Artística, Científica e Literária*, Rio de Janeiro: Tip. Dois de Dezembro de Paula Brito, tomo III, p. 197, 1855 e 1856.

<sup>25</sup> Um dos exemplos é o próprio Gonçalves Dias, Carta ao Dr. Pedro Nunes Leal. Transcrito por Edith P. Pinto. *O português do Brasil – textos críticos e teóricos. 1820-1920. Fontes para a teoria e a história*, p. 33-38. Varnhagen também insere uma lista de palavras africanas introduzidas no uso corrente, embora se atemorizasse diante disso. VARNHAGEN, Francisco A. *História Geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal: 1854-1857*. 3. ed. integral. São Paulo: Melhoramentos, s. d. p. 276.

<sup>26</sup> VALERA, Juan. A poesia brasileira. *Guanabara*, p. 198.

<sup>27</sup> *Ibid*, p. 202.

Los mismos idiomas de los indios del Brasil debian y deben ser imperfectísimos y pobres. El unico idioma de que hemos podido obtener un diccionario y una gramática, el idioma que hablan generalmente en las costas, y el mas comun entre los indios, es tan escaso, que para decir virtud, se tienen que dar mil rodeos, y para decir virgen, hay que llenar media pagina de palabrotas. Por donde se ve manifesto que estas ideas, así como otras infinitas, no habian entrado en la cabeza de los indios hasta que aportaron al Brasil los portugueses.<sup>28</sup>

O modo de referir a cor dos escritores também foi modificado. A expressão “escritores mulatos” foi traduzida no texto brasileiro como “escritores pardos”. Mais uma vez, certo desejo de austeridade pode ter pesado, como podem também os editores, conscientes do tom pejorativo associado à palavra mulato, ter preferido o termo pardo, mais neutro, oficial. Araújo Porto-Alegre, quem sabe aquele que selecionou o texto de Valera para tradução, tinha ideias também destoantes acerca dos chamados mulatos e da sua participação na nacionalidade artística brasileira. Na revista *Niterói*, em 1836, ele colocou a questão de uma forma que nos leva a suspeitar ter sido Valera um leitor de Porto-Alegre: “Nas mais províncias do Brasil, a música é cultivada desde a senzala até o palácio; de dia e de noite soam a marimba do escravo, a guitarra, e a viola do Capadócio, e o piano do senhor”.<sup>29</sup> O mesmo autor, na revista do IHGB, colocou claramente a questão do preconceito de nascimento, ao comentar sobre o padre José Maurício Nunes Garcia, e o período joanino:

A despeito da sua cor mestiça, era tolerado na corte, nesta corte onde o auto de nascimento formava o maior merecimento do homem, dava di-

<sup>28</sup> VALERA, Juan. De la poesia del Brasil, p. 186.

<sup>29</sup> PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Ideias sobre música. *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*. Paris, 1836, p. 180. Citado por: SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas letras de um pintor: Manoel de Araújo Porto-Alegre (1806-1876)*. Campinas: Editora Unicamp, 2004. p. 222. A autora discute a incorporação dos mulatos à história artística do país, indicando como Porto-Alegre, ao mesmo tempo que era ousado o bastante para anunciar suas ideias em locais como o Instituto Histórico de Paris ou o IHGB, situava cuidadosamente os mulatos em um idealizado passado nacional.

reitos a todas as simpatias, e onde o ser Brasileiro, e mormente mulato, bastava para alienar de si todos os favores, e mesmo muitos direitos.<sup>30</sup>

Passemos agora a abordar a correspondência de Valera dirigida a Serafín Estébanez Calderón.<sup>31</sup> Curiosíssimas (e deveras picantes) impressões do Rio são contadas ao amigo espanhol nessas cartas. Aliás a correspondência de Valera já mereceu diferentes compilações, e parece que algumas cartas eram tão curiosas e burlescas que teriam sido publicadas à revelia do autor.<sup>32</sup> Mas, para além de curiosidades, o material revela um diálogo intelectual entre os amigos em torno de temas históricos, linguísticos e literários que perpassavam a relação entre a América e a Península Ibérica. Tais cartas seriam, para os comentaristas de sua futura obra literária, um primeiro exercício das técnicas novelísticas que resultaram, mais tarde, nos romances *Pepita Jiménez* e *Juanita la larga*.<sup>33</sup> Ao cotejar os textos, vemos como o registro privado – manuscrito – e o público – impresso – carregam valores e sentimentos muito diferentes, e onde antes se lia um elogio, se lê nas cartas zombaria, desprezo e frustração. Mas também encontramos tantas coincidências na abordagem de certos temas que podemos supor que Valera tinha cópias dessas cartas ao elaborar o ensaio, ou que usou as mesmas notas para ambos os escritos.<sup>34</sup> Acredito que trabalhar sobre essas diferenças e coincidências é mais produtivo que apenas “revelar” o que ele escreveu no domínio íntimo como algo mais sincero.

<sup>30</sup> PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Apontamentos sobre a vida e obras do Padre José Maurício Nunes Garcia. *RIHGB*, Rio de Janeiro, t. 19, n. 23, 1856, p. 354-369.

<sup>31</sup> Utilizamos a seguinte compilação: BENVENUTI, Carlos S.T. *Juan Valera. Serafín Estébanez Calderón. 1850-1858. Crónica histórica y vital de Lisboa, Brasil, París y Dresde*. Madrid: Editorial Moneda Y Credito, 1971.

<sup>32</sup> BOCINOS, Elena C. *Juan Valera: diplomático*. [Tese de doutorado]. Facultad de Geografía Historia. Universidad Complutense de Madrid, 2009, p. 130.

<sup>33</sup> BENVENUTI, Carlos S.T. *Juan Valera. Serafín Estébanez Calderón. 1850-1858*, p. 144.

<sup>34</sup> Na verdade o correspondente de Valera, Calderón, sugeriu a ele que escrevesse um relato de viagem sobre o país, aconselhando que mantivesse um diário com suas notas – “Las buenas inspiraciones se aproveitan desde logo trasladando ao papel” –, pode estar aqui a chave para as semelhanças entre as cartas e o ensaio de Valera sobre a poesia brasileira. Carta de Calderón para Valera, 1 dez. 1852, *ibid*, p. 181.

Nas cartas Valera manifesta claramente que não gostava da sua experiência na cidade. Apesar da natureza exuberante, reclama do clima, das doenças que o assediam, da falta de trato e civilidade, da solidão, além da falta de dinheiro que não permitia que ele viajasse, como gostaria, por outras partes do Brasil e da América. Reclama das pessoas que conhece,

[...] las mugeres estan bozales, y los hombres ocupados en los negocios políticos o mercantiles, y previstos todos de la mas notable formalidad, que puede dar-se. Hay aquí gran actividad comercial, mucho dinero, esperanzas fundadas de que se haran caminos de hierro, y empeño constante en adelantar, y civilizar el país: pero no hay sino poquísimo trato, todos se acuestan a las 10 de la noche, y el que se queda en la calle, después de acabado el teatro, se expone a que le llenen de lo que tiran por los balcones, y que no tienem nombre.<sup>35</sup>

Dizendo-se solitário, o único amigo que cita é Bryan, jovem comerciante e sobrinho de seu amigo Estébanez Calderón com quem saía e conversava. Valera residiu com o embaixador espanhol, José Delavat, e iria viver e narrar situações envolvendo escravos que nos levam a pensar no que ele escreveria mais tarde no seu ensaio sobre a poesia.

O seu chefe, Delavat, passaria os dias a brigar com os negros, ameaçando-os mandá-los para a Casa de Correção, ao que eles responderiam quase sempre rindo, pois sabiam que a ameaça não ia ser cumprida, sendo todos “sucísimos, borrachos, perezosos, y torpes”. O único que se salvaria seria o “Cupido”, assim apelidado porque “aunque abominablemente feo, es enamoradoíssimo”.

Presenciando as repreensões diárias que D. José fazia a seus escravos, Valera diz que estes “le oyen como quien oye llover, y cada quisque hace lo que le da gana”. O único que não seria repreendido seria o “hijo de Rei”, temido por D. José, “porque es tal el orgullo del ilustre negro que (según Dn José mismo refiere) se le alborota la sangre y los humores cuando le riñen y si bien no responde palabra, echa de sim um hedor espantoso para manifestar, sin duda, su indignación”.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Carta de Valera a Calderón (Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1852). *Ibid.*, p. 165.

<sup>36</sup> Carta Valera a Calderón (12 de agosto de 1852). *Ibid.*, p. 173-174.

Um dos trechos que remetem claramente à sua concepção de poesia brasileira aparece quando relata sobre um escravo apelidado de “bardo”:

El cochero es un mulato muy truhan, paseante y, enamorado, y toca con tal primor la guitarra, y canta con tanta alma las modinhas y londuns (canciones populares brasileñas) que S. E. dice y afirma seriamente que es un bardo, y que con su cítara trae embobados a cuantos tienen la dicha de oírle. Todas las mozas del barrio, negras y pardas, andan locas por él [...]<sup>37</sup>

Esse mesmo bardo, tendo numa ocasião desaparecido por três dias, foi protagonista de uma cena muito bem descrita por Valera. Companheiros escravos de um outro proprietário, que haviam fugido, vão à presença do embaixador implorar para que fossem apadrinhados, isto é, para que o embaixador intervisse para que seu dono os perdoasse.

Dn José estaba sentado em uno como trono; pues anuque era silla; por la gran prosopopeya y gravedad conque Dn José la ocupaba, cualquiera la tomaría por trono, y aún de los más autorizados y legítimos. A un lado y a otro se parecían el criado gallego, y un pedestre hombre de la policía o esbirro ambos con sendos bastones en las manos, y delante de Dn José, de rodillas, y casi el rostro contra el suelo, en actitud de quien pide perdón, yacían postrados el bardo, cuatro o cinco negros, unos grandes y otros chicos, pero todos feos y asquerosos, una mulata joven y dos negras sus compañeros. Esta gente, arrepentida y contrita, lloraba, gemía, ahullaba, y pedía a Dn José protección y amnistia general. Al principio no comprendí yo bien lo que significaba toda aquella barahunda: pero poco a poco vine a entenderla, y supe que la reunión de los afligidos y echados por tierra componía lo que llaman aquí un coito, y que el coito entero y verdadero, suplicaba a Dj José que no los denunciase, porque irían sin falta a la casa de corrección, donde les darían unas cuantas docenas de bargajazos diarios [...]<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Carta Valera a Calderón (9 de março de 1853). *Ibid.*, p. 193.

<sup>38</sup> Carta de Valera a Calderón (Rio de Janeiro, 9 de março de 1853). *Ibid.*, p. 194.

D. José atendeu o seu pedido, mas não deixou de fazer a todos o seu famoso sermão, ouvido como lenga-lenga... Mais tarde, “El bardo, que es peor que los negros, pues es mulato”, aprontou de novo, dessa vez com obscenidades junto às negras na cozinha, só que testemunhadas pela sinhazinha; D. José mandou castigar o escravo, na própria residência; dizendo “quisiera yo ver aquí a Mr. Stowe y preguntarle que haría en tales circunstancias!”. Era uma irônica referência ao popular romance norte-americano *Cabana do Pai Tomás*, de 1851, que já estava circulando no Brasil.

Sem sorte com as damas no Rio, Valera faz disso mais um tema de reclamações. “Me consuelo, pues, con lo que hallo para el consumo público, que no es cosa buena, ni segura; negras y mulatas sobre todo”. Diferente da rápida impressão sobre as mulheres que vira na Bahia, onde “la raza de esclavos es hermosísima e inteligente: aquí, por el contrario, estúpida y deforme.” A visão sobre os negros é bastante negativa na correspondência, a exemplo da notícia que dá sobre a prática da capoeira, cruamente descrita, sinal da barbárie dos negros do Brasil, que dariam violentos golpes com a cabeça no peito ou nas costas do inimigo, às vezes fatais. Trata também de revoltas ocorridas recentemente:

Ha poco hubo em Pernambuco, un motín y alboroto notable y los negros que tumultuaron, antes de caer en manos de la justicia y sufrir el condigno castigo, le hicieron grande en sus dueños, entrando a saco las quintas, asesinando a cuantos pudieran hallar.<sup>39</sup>

Ainda que não esteja muito claro de que acontecimento ele estaria falando, pode estar mencionando a série de revoltas contra o registro civil de nascimentos e óbitos, que ocorreu em diferentes localidades do Nordeste no final de 1851. Segundo o relatório do ministro do Império, as “manifestações criminosas” e “reuniões armadas” foram fruto de um “boato arteiramente espalhado [...] de que o registro só tinha por fim escravizar a gente de cor”. Em Pernambuco, tal boato “atraiu maior número de desvairados, que em frenético delírio o apelidaram – Lei do Cativoiro”.<sup>40</sup> Na mesma carta, o espanhol comenta sobre o costume do

<sup>39</sup> Carta de Valera a Calderón (8 de março de 1852). *Ibid*, p. 179.

<sup>40</sup> Relatório do Ministério do Império. 1851. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1852. p. 16-17.



tempo dos vice-reis, em que os negros reuniam-se por suas nações e celebravam festas particulares, como a da coroação do Rei do Congo. Essa “liberdade” de outrora teria assim sido suspensa, justamente pela ameaça que os negros representariam, a exemplo da prática da capoeira.

Nas andanças pelo Rio, Valera se dedicava também a atender a um pedido que seu correspondente havia feito, para que vasculhasse e adquirisse livros raros na cidade, especialmente gramáticas, dicionários e estudos filológicos: “Libros antiguos no se hallan en parte alguna, y el otro día recorrí con Bryan las librerías todas, y no hallamos gramáticas ni diccionarios salvages, sino muchos salvages que hablan sin diccionario y sin gramática”.<sup>41</sup> O historiador brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen, então em Madri, é citado como um possível intermediário nesse intercâmbio, recebendo e repassando os livros e cartas que Valera enviava daqui. E enumera várias mostras da proximidade com a vida intelectual do Rio. Visita a Biblioteca Nacional, “es rica, la mas rica acaso de toda América, pero está tan mal arreglada que no es possible ver lo que hay en ella”.<sup>42</sup> Dá notícias sobre a revista do Instituto Histórico, que teria alguns estudos filológicos, mas, segundo ele, ainda pobres “pues la ciencia filologica es muy moderna, y su verdadeiro fundador Hervás, nuestro célebre compatriota”. Faz menções à revista *Guana-bara*, e ao jornal o *Filantropo*, órgão da Sociedade Contra o Tráfico e Promotora da Colonização, e Civilização dos Indígenas, compartilhando aliás claramente as concepções sobre população, colonização e mão de obra desenvolvidas pela organização.<sup>43</sup> Numa das cartas de março de 1853, menciona rapidamente o *Florilégio*, de Vanhagen, mas, fazendo menção a historiadores argentinos e uruguaios, lamenta que no Brasil houvesse poucos livros brasileiros sobre história brasileira. Os que havia eram escritos em francês e inglês, como os de Southey, Armitage, Milliet de Saint-Adolphe. Anunciava-se assim a obra que estava sendo escrita por Varnhagen, a *História Geral do Brasil*.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Carta Valera a Calderón (12 de agosto de 1852). *Ibid.*, p. 174.

<sup>42</sup> Carta Valera a Calderón (8 de setembro de 1852). *Ibid.*, p. 179.

<sup>43</sup> Sobre o projeto populacional do *Filantropo*, ver: LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas*, cap. 2.

<sup>44</sup> Carta de Valera a Calderón (Rio de Janeiro, 9 de março de 1853). *Ibid.*, p. 188. Na seção Crítica Literária da revista foi publicado um comentário sobre a obra de Varnhagen, assinado por Antonio Ferrer del Rio, *Historia General del Brasil, Revista Espanola de Ambos Mundos*. Madrid: Establecimiento Tipografico de Mellado, tomo IV, p. 377-396, 1855.

O interesse dos dois amigos pelo estudo das línguas se manifesta em vários momentos da correspondência, como nesse trecho em que Valera teoriza sobre o que entende por línguas primitivas e civilizadas:

A esto de las lenguas soy yo muy aficionado, y no las creo hijas del entendimiento humano, sino del instinto, como el panal de las abejas, y las telas y capullos de las orugas y arañas – por lo qual veo en ellas algo de inexplicable y de milagroso. De su estudio además se sacan en claro grandes verdades históricas, se conocen la filiación de las razas, y las emigraciones de los pueblos, y con el tiempo se han de descubrir y explicar cosas aún más recónditas e importantes. Entretanto yo entiendo que las lenguas perfectas mas bien se pueden decir formadas de varios dialectos primitivos, que no provenientes de um idioma universal. Vea Vd. en prueba de esto, cuantas lenguas diversas hay entre los salvajes, y cuan pocas entre los pueblos civilizados.<sup>45</sup>

Nessa mesma carta, já com a ansiada volta à Europa acertada, após reclamar de muito sofrimento, doenças e falta de dinheiro, Valera conta dos livros levará pessoalmente para o amigo: “Ya tengo comprados una Gramática brasílica, otra bunda, un diccionario latino-bundo-lusitano, muy copioso, las memorias historicas de Rio-Janeiro, y otras obras [...]”.<sup>46</sup> Tratava-se certamente das obras de Canecattim, *Dicionário da língua bunda, ou angolense, explicada na portuguesa e latina* (Lisboa, 1804), e *Observações gramaticais sobre a língua bunda* (Lisboa, 1805).

Como uma breve conclusão, considero metodologicamente importante nos demorarmos nesses pequenos deslocamentos, deslizos, tensões, pois eles revelam um importante ganho teórico no entendimento da dinâmica das relações sociais e culturais no Brasil escravista. Aceitar os registros no que eles têm de fragmentado, de casual, de contraditório é um exercício válido para o historiador.

<sup>45</sup> Carta de Valera a Calderón (Janeiro, 1 de setembro de 1853). *Ibid.*, p. 225.

<sup>46</sup> *Ibid.*

REFERÊNCIAS

BENVENUTI, Carlos S.T. *Juan Valera. Serafín Estébanes Calderón. 1850-1858. Crónica histórica y vital de Lisboa, Brasil, París y Dresde*. Madrid: Editorial Moneda Y Credito, 1971.

BOCINOS, Elena C. *Juan Valera: diplomático*. Madrid, 2009. Tese de doutorado – Facultad de Geografía Historia, Universidad Complutense de Madrid.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Intelectuales negros en el Brasil del siglo XIX. In: ALTAMIRANO, Carlos (Org.). *Historia de los Intelectuales en America Latina*. Buenos Aires; Madrid: Katz Editores, 2008.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

KARASCH, Mary. *Vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Ivana Stolze. *Cores, marcas e falas: sentidos de mestiçagem no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

\_\_\_\_\_. Língua nacional, histórias de um velho surrão. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema: a formação do Estado imperial*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. A poesia brasileira. *Guanabara, Revista Mensal Artística, Científica e Literária*, Rio de Janeiro: Tip. Dois de Dezembro de Paula Brito, tomo III, 1855 e 1856.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1977.

SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas letras de um pintor: Manoel de Araújo Porto-Alegre (1806-1876)*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SÜSSEKIND, Flora; VALENÇA, Raquel. *O sapateiro Silva*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 1983.

TREECE, David. Victims, Allies, Rebels: Towards a New History of Nineteenth-Century Indianism in Brazil. *Portuguese Studies* 1 (1985-6).

VALERA, Juan. De la poesia del Brasil. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid: Establecimiento Tipografico de Mellado, tomo III, p. 175-188 e 618-633, 1855.